**Resumo**

**Objetivo:** Em Portugal, não encontrámos estudos e instrumentos que avaliassem, para a população portuguesa, a tolerância à infidelidade. Este estudo preliminar pretendeu, assim, avaliar e adaptar para a população portuguesa a *Escala de Tolerância à Infidelidade* e explorar associações entre a tolerância à infidelidade, variáveis sociodemográficas, relacionais e relativas à infidelidade, autocriticismo e autocompaixão.

**Métodos:** 223 participantes (sexo feminino, *n =* 155; 69,5%), entre os 18 e os 67 anos, preencheram um questionário sociodemográfico e com questões relacionais e relativas à infidelidade, a *Escala de Tolerância à Infidelidade*,a *Escala de Autocompaixão* e a *Escala das Formas do Autocriticismo e de Autotranquilização.*

**Resultados:** A versão adaptada para a população portuguesa da Escala de Tolerância à Infidelidade mostrou apresentar duas dimensões: *tolerância à infidelidade sexual* e *tolerância à infidelidade emocional.* Ambas revelaram boa consistência interna (respetivamente, *α* *=* 0,896; *α =* 0,878). A *tolerância à infidelidade sexual* revelou boa estabilidade temporal e a *tolerância à infidelidade emocional* muito boa estabilidade temporal. Não se verificaram diferenças nas duas dimensões por sexo, embora tenham sido encontradas diferenças em algumas dimensões das escalas que avaliam autocompaixão e autocriticismo. Os participantes casados ou em união de facto apresentaram maior *tolerância à infidelidade sexual*, por oposição com os solteiros, viúvos, separados e divorciados. Quem relatou não ter tido dificuldade em perdoar uma situação de infidelidade apresentou maior *tolerância à infidelidade sexual* e *emocional*, do que quem expressou dificuldade em perdoar.

**Conclusões:** A Escala de Tolerância à Infidelidade mostrou possuir boas características psicométricas, podendo ser considerada como válida para ser usada na população portuguesa. Verificou-se, igualmente, que estar casado ou coabitar com alguém parece associar-se a maior tolerância à infidelidade sexual e que quem tem maior dificuldade em perdoar uma situação de infidelidade, de forma congruente, apresenta menor tolerância à infidelidade.

**Palavras-chave:** tolerância à infidelidade sexual, tolerância à infidelidade emocional, Escala de Tolerância à Infidelidade.

**Abstract**

**Aims:** In Portugal, we did not find studies and instruments that evaluate tolerance to infidelity for the Portuguese population. Therefore, the aim of this preliminary study was to adapt and validate the Tolerance to Infidelity Scale (TIS) for the Portuguese population and to explore the associations between the tolerance to infidelity and different sociodemographic, relational and regarding infidelity variables, self-criticism and self-compassion.

**Methods:** 223 individuals (women, *n* = 155; 69,5%), with ages between 18 and 67 years old, answered a protocol consisting of a questionnaire with sociodemographic, relational and infidelity questions, the *Tolerance Infidelity Scale*, the *Self-compassion Scale* and the *Forms of Self-criticizing/Attacking and Self-Reassuring Scale.*

**Results:** The Tolerance Infidelity Scale adapted for the portuguese population showed two dimensions: tolerance to sexual infidelity and tolerance to emotional infidelity. Both dimensions revealed good internal consistency: respectively, α = 0,896; α = 0,878. The tolerance to sexual infidelity presented good temporal stability and the tolerance to emotional infidelity very good temporal stability. Gender differences were not found. However, differences were found in some of the dimensions of self-compassion and self-criticism. Participants who were married or were in a civil union scored higher in tolerance to sexual infidelity, in contrast with participants that were single, widows, were separated and divorced. Participants who reported not having difficulties in forgiving an infidelity situation, presented higher tolerance to sexual and emotional infidelity, in comparison to who expressed difficulty in forgiving.

**Conclusion:** The Tolerance to Infidelity Scale showed good psychometric properties, therefore it can be considered valid to be used as an instrument with the Portuguese population. This study also showed that being married or cohabiting appears to be associated with higher levels of tolerance to sexual infidelity and that people who present a harder time in forgiving an infidelity situation, consequently reveal lower tolerance to infidelity tolerance.

**Keywords:** tolerance to sexual infidelity; tolerance to emotional infidelity; Tolerance to Infidelity Scale.

**Introdução**

Existe ainda pouco consenso quanto à definição de infidelidade (Blow e Harnett, 2005). De acordo com Drigotas e Bartas (2001), a infidelidade caracteriza-se pela rutura de dadas regras que são estabelecidas com o parceiro ao nível da intimidade emocional e física. Deste modo, a relação monogâmica é definida pelo estabelecimento da intimidade emocional e física ser aceitável apenas entre as pessoas envolvidas na relação (Luo, Carton e Snider, 2010), havendo, assim, exclusividade para com o parceiro da relação primária (Treas e Giesen, 2000). A quebra desta regra resulta na perda de confiança por parte do parceiro que foi traído e na instabilidade relacional/conjugal (Fife, Weeks e Stellberg-Filbert, 2013).

Ainda segundo Glass e Wright (2002, cit. in Martins, 2012) existem dois tipos de infidelidade: emocional (vínculo emocional e de afeto com outra pessoa através do *flirting*, intimidade e enamoramento) e sexual (envolvimento sexual com outro parceiro fora do relacionamento primária, e/ou a possibilidade de contacto).

A infidelidade no contexto das relações românticas pode ser abordada a partir da teoria evolucionária (Buss, 1995; Buss et al., 1999). De acordo com esta teoria, os homens ancestrais encaravam a incerteza paternal como um problema adaptativo. Neste caso, a traição traduzir-se-ia na impossibilidade de passar o seu património genético. Assim, o ciúme inato funcionava como um mecanismo adaptativo na infidelidade sexual, já que diminuiria a probabilidade de ser traído pela parceira (Buss et al., 1999; Carpenter, 2012). Por outro lado, as mulheres ancestrais necessitavam de garantir os seus recursos (de carinho, proteção, conforto) para si e para os seus descendentes, acabando por desenvolver ciúme inato em relação à infidelidade emocional.

Investigadores como Hall e Fincham (2006) apontaram como causas do término do relacionamento o envolvimento extradiádico. Martins (2012), num estudo nacional verificou que 22,8% das mulheres referiram ter sido infiéis e 29,1% dos homens relataram tê-lo sido também. Atkins (2001) salientou uma maior probabilidade das mulheres se envolverem emocionalmente, fora da relação, do que em termos físicos e/sexuais (ao contrário dos homens que se envolvem com maior frequência sexualmente).

Drigotas, Saftstrom e Gentilia (1999) salientam diversos motivos para a infidelidade: insatisfação na relação, interesse sexual, contexto social, atitudes-normas e vingança-hostilidade. Os motivos para infidelidade apontados foram o sentido de oportunidade e o aborrecimento na relação (Martins, 2012), nos homens e a infelicidade na relação, nas mulheres. São apontados outros motivos como a infidelidade do parceiro, falta de atração pelo parceiro, desinteresse sexual ou falta de sexo e vontade de terminar a relação, em ambos os géneros (Martins, 2012), negligência, solidão e níveis mais baixos de arrependimento em relação aos indivíduos casados após uma situação de infidelidade (Allen e Baucom, 2006).

Vários estudos (Atkins, Baucom e Jacobson, 2001; Buss e Shackelford, 1997; Shackerford, Besser e Goetz, 2008) mostraram que níveis mais baixos de satisfação conjugal (em ambos os sexos) aumentam o envolvimento extraconjugal. Mark, Janseen e Milhausen (2009) encontraram uma relação entre níveis mais baixos de felicidade, satisfação e compatibilidade sexual e infidelidade.

Situações de traição ou de infidelidade são bastante penalizadas na cultura ocidental. Um estudo realizado nos Estados Unidos da América (Smith, 1994, cit. in Treas e Giesen, 2000) mostrou que 90% dos americanos desaprovavam sempre ou quase sempre, do ponto de vista moral, o envolvimento extraconjugal. Lavelle (2013) define tolerância à infidelidade como dizendo respeito ao facto de o(a) parceiro(a) permanecer na relação após a traição. Vários estudos abordam a associação entre envolvimento extraconjugal e sua tolerância. Flanignan (2007) encontrou uma relação entre traição e término da relação. Mostrou, também, existir maior probabilidade de sair do relacionamento quando o(a) parceiro(a) é traído em comparação com o(a) parceiro(a) que traí, havendo ainda maior tendência a sair da relação quando ambos os parceiros traem e/ou são traídos. Num estudo português os participantes condenaram mais o envolvimento sexual, por comparação com o afetivo, atribuindo uma gravidade maior quando este não se limitou a uma única relação sexual. Indivíduos que nunca estiveram numa relação ou que nunca namoraram revelaram desvalorizar o envolvimento emocional e sexual, por comparação com os indivíduos casados ou que coabitam (Viegas e Moreira, 2013). Shackelford (1997) também mostrou maior probabilidade da relação terminar em função da gravidade do envolvimento do parceiro(a).

Alguns estudos debruçaram-se sobre as diferenças de sexo relativamente à tolerância à infidelidade. Lavelle (2013) verificou que existe maior probabilidade das mulheres terem níveis de tolerância à infidelidade emocional mais baixos, optando por sair da relação. É, também, mais provável permanecerem na relação se estiverem casadas. Já os homens revelam ter mais tolerância à infidelidade emocional e menos tolerância à infidelidade sexual do que as mulheres (Lavelle, 2013). Assim, as mulheres apresentam menos tolerância à infidelidade quando o parceiro admite ter sentimentos por um/a colega, o parceiro apaixonou-se por outra pessoa, sem ter havido contacto físico, o parceiro beijou outra pessoa com a qual sentiu uma ligação e o parceiro apaixonou-se por outra pessoa, sem ter havido contacto sexual. É, também, mais provável permanecerem na relação se estiverem casadas. Já os homens revelam ter mais tolerância à infidelidade emocional e menos tolerância à infidelidade sexual do que as mulheres (Lavelle, 2013). Shackelford e Buss (1997) verificaram que os homens menos satisfeitos no relacionamento tinham mais tendência para pedir o divórcio caso a sua parceira beijasse outro homem, tivesse um encontro romântico e uma noite de sexo casual. Em relação às mulheres evidenciou-se que, quando existem níveis mais altos de conflito, é mais provável que estas saiam da relação caso o parceiro tenha sexo casual ou se envolva numa traição de curta duração. O estudo de Hall e Fincham (2006) reflete que os dois tipos de traição resultam mais na dissolução da relação do que a traição emocional isoladamente. No estudo efetuado por Shackelford, Buss e Bennett (2002), no caso de ambos os parceiros terem traído, o risco de terminar a relação existindo envolvimento sexual e emocional foi maior nos homens do que nas mulheres. Igualmente, cerca de 61,9% dos homens e 22,0% das mulheres ficaram mais incomodados quando existiu envolvimento sexual (*versus* envolvimento emocional). O estudo empírico de Carpenter (2012) mostrou que, em ambos os sexos (homens e mulheres), a traição emocional era mais perturbadora do que a sexual. Já Urooj, Haque e Anjum (2015) e Lishner, Nguyer, Stocks e Zilmer (2008) referem que a traição sexual é a mais stressante em ambos os sexos. Harris (2003) numa amostra de mulheres estudantes universitários verificou que os homens têm ciúmes em relação à infidelidade sexual e as mulheres à infidelidade emocional. Sagarin, Becker, Guadagno, Nicastle e Millevoi (2003)) encontraram os mesmos resultados. Sabini e Green (2004) concluíram que a maioria dos sujeitos fica mais incomodada com a infidelidade emocional e relata ser mais provável deixar o(a) parceiro(a) neste caso. Segundo Urooj, Haque e Anjum (2015), a insatisfação emocional e sexual predomina nos homens, aumentando os comportamentos extradiádicos (nas mulheres, predomina a insatisfação emocional).

Para além das diferenças de sexo, diversas variáveis influenciam a tolerância à infidelidade, como as variáveis situacionais, a personalidade (Blow e Harnnett, 2005; Lavelle, 2013), os estilos de vinculação (insegura), a satisfação na relação (Cann e Baucom, 2004) e a dependência económica e emocional (Borsntein, 2006). Níveis fracos de compromisso e os conflitos (Flanignan, 2007) também influenciam a dissolução da relação amorosa. Por outro lado, a paixão, as recompensas emocionais e o compromisso levam a que o(a) parceiro(a) (principalmente as mulheres) permaneçam na relação. Blow e Harnnett (2005) referem, ainda, existir uma pressão cultural para as mulheres tolerarem a infidelidade, de forma a preservarem o casamento e a manterem a família unida.

Vários estudos sobre a temática da infidelidade/traição exploram, como já referimos, a probabilidade de o parceiro(a) sair ou permanecer da relação caso haja uma traição Porém, é importante reforçar que tolerância à infidelidade, não equivale a perdão face à infidelidade. Perdão não significa esquecer, tolerar ou desculpar (Butler, Dahlin e Fife, 2002, cit. in Fife, Weeks e Stellberg-Filbert, 2013). Esta define-se como uma decisão pessoal caracterizada pela libertação de sentimentos e atitudes negativas em relação ao parceiro e pela demonstração de compaixão (Baskin e Enright, 2004).

Shackelford, Buss e Bennett (2002) mostrou que os homens consideram que é mais difícil perdoar a infidelidade sexual e relação caso o parceiro(a) se envolvesse sexualmente com outra pessoa, em comparação com as mulheres. Amanto e Previti (2003) analisaram o perdão após o divórcio, verificando que os homens têm mais dificuldade em perdoar a infidelidade sexual. Já as mulheres consideram que é mais fácil perdoar a infidelidade sexual e mais difícil perdoar a infidelidade emocional (Shackerford, Buss e Bennett, 2002). Por outro lado, outros estudos (Amanto e Previti, 2003; Urooq, Haque e Anjum, 2015) também mostram que os homens têm dificuldade em perdoar a infidelidade sexual. Já as mulheres têm dificuldades em perdoar os dois tipos de infidelidade, mas sobretudo a emocional.

Nenhum estudo se debruçou sobre a associação entre infidelidade e tolerância à infidelidade e constructos derivados de teorias evolucionárias (nomeadamente a teoria das mentalidades sociais), como o autocriticismo e a autocompaixão. A teoria das mentalidades sociais tem por base uma perspetiva evolucionária, (Gilbert, 2005). O autocriticismo incita o indivíduo a ativar um sistema de defesa, enquanto que a autocompaixão aposta na tolerância, expressão de afeto e cuidado dos outros (Gilbert, 1989, 1993, 2005c, cit in., Castilho et al, 2011). As necessidades de segurança, o desejo de manter a reputação e o medo da vergonha podem contribuir para a diminuição da autocompaixão e influenciar o aparecimento do autocriticismo na relação eu-outro, em função das experiências precoces com as figuras cuidadoras (Gilbert, Clark, Hempel, Miles e Irons, 2004).

Assim, o autocriticismo trata-se de uma relação eu-eu, na qual os indivíduos adotam uma postura crítica, pouco tolerante, punitiva e com conotação negativa em relação à sua própria experiência em situações de falha, erro e desapontamento pessoal (Castilho, Gouveia e Amaral, 2010; Gilbert, Clarke, Hempel, Miles e Irons, 2004). Embora não tenhamos encontrado estudos que foquem a relação da autocrítica com a tolerância à infidelidade, um estudo (Pitman e Wagers, 2005, cit. in Flanignan, 2007) permitiu realçar que, no caso de uma traição, o indivíduo pode ter a crença de que não seria traído caso o(a) parceiro(a) o considerasse bonito(a) e encantador(a). Deste modo, face a uma traição, o indivíduo pode adotar uma visão negativa de si mesmo (inadequação e defeito) em relação ao eu.

Já a compaixão é um conceito antigo que deriva do budismo e do pensamento oriental filosófico (Neff, 2003b). Nesta perspetiva, a compaixão envolve não só a consciência, uma abertura calorosa e desejo de aliviar o sofrimento dos outros, como a do eu, reconhecendo que experiências de inadequação ou fracasso fazem parte da experiência humana universal. Neste sentido, Neff (2003a) definiu a autocompaixão como uma atitude calorosa e de aceitação pelos aspetos negativos do *eu* ou da vida em geral, sendo constituída por três componentes básicos: *calor/compreensão (vs. julgamento),* que corresponde à capacidade para ser amável e compreensível em relação a si mesmo, ao invés de adotar uma postura de crítica e de punição; *condição humana (vs. isolamento)*, consiste em compreender as experiências pessoais (de sofrimento e isolamento) como parte da experiência humana e o *mindfulness (vs. sobreidentificação)*, na qual o eu se centra na consciência equilibrada e aceitação dos pensamentos e sentimentos dolorosos, sem que ocorra um excesso de sobreidentificação ou supressão/evitamento com essas experiências ou pensamentos (Neff, 2003a;b). Deste modo, a autocompaixão pode ser uma estratégia de regulação emocional, já que envolve compreender que os erros, os fracassos e as inadequações fazem parte da condição humana (Neff, 2003a). No que diz respeito ao autocriticismo, não foram encontrados estudos que focassem a associação entre a capacidade de se ser autocompassivo e compassivo com o outro e a tolerância à infidelidade.

Atendendo aos escassos instrumentos de medida e estudos no âmbito da tolerância à infidelidade, temos como objetivos: adaptar e validar uma versão portuguesa da Escala de Tolerância à Infidelidade (ETI) de Lavelle (2013) e explorar potenciais associações entre a tolerância à infidelidade, diferentes questões sociodemográficas, relacionais e relativas à infidelidade e os constructos de autocriticismo e autocompaixão. Estudos mostram que as pessoas mais autocompassivas são mais empáticas, mais capazes de apresentar compaixão relativamente ao outro (Neff e Pommier, 2013) e menos críticas perante os momentos difíceis, erros ou falhas dos outros (Neff, 2003b), enquanto que pessoas mais autocríticas são tendencialmente mais críticas com o outro (Zuroff, Moskowitz e Côté, 1999) e tendem a criticar mais os seus erros, falhas e fracassos (Thompson e Zuroff, 2004). Assim, pareceu-nos interessante explorar a hipótese de uma menor tolerância à infidelidade poder estar associada a níveis maiores de autocriticismo e menores de autocompaixão.

**METODOLOGIA**

**Participantes**

A amostra recolhida foi não probabilística, por conveniência (Pais-Ribeiro, 2010). A amostra ficou composta por 223 participantes, adotando-se como critério de inclusão uma idade superior aos 18 anos e necessitaríamos no mínimo de 120 indivíduos (10 indivíduos por cada item) (Kerlinger, 1986). A maioria dos participantes era do sexo feminino (*n* = 155; 69,5%) (idade média= 32,31; *DP* = 11,45), tinha uma licenciatura (*n* = 103; 46,2%), eram estudantes (*n* = 61; 27,4%), a maioria revelou ser heterossexual (*n* = 214; 96%) (Tabela 1), revelou ser solteiro (*n =* 130; 58,3%) e referiram viver com familiares ou amigos (*n =* 69; 30,9%). A maioria revelou estar num relacionamento/casamento (*n =* 187; 83,9%) e estar extremamente satisfeito *(n =* 45; 20,6%). Ao nível da duração média da relação foi de 7 anos *(n =* 45; 20,6%). Os participantes revelaram não ter traído *(n =* 164; 73,5%), cerca de 22,4% *(n =* 11) apontaram a saturação da relação como um dos motivos para a traição. Dos que foram traídos *(n =* 56; 31,4%) não perdoaram o companheiro.

**Tabela 1**

***Caracterização sociodemográfica da amostra***

|  |  |  |
| --- | --- | --- |
| **Sexo** | ***n*** | ***%*** |
| Feminino | 155 | 69,5 |
| Masculino | 68 | 30,5 |
| **Total** | 223 | 100,0 |
| **Idade** | ***M (DP)*** | **Intervalo** |
| Idade da amostra total | 32,31 (11,45) | 18-67 |
| **Escolaridade** | ***n*** | ***%*** |
| 1º Ciclo | 1 | 0,4 |
| 2º Ciclo | 1 | 0,4 |
| 3º Ciclo | 5 | 2,2 |
| Ensino Secundário | 72 | 32,3 |
| Curso Profissional | 19 | 8,5 |
| Licenciatura | 103 | 46,2 |
| Mestrado | 18 | 8,1 |
| Doutoramento | 4 | 1,8 |
| **Total** | 223 | 100,0 |
| **Profissão a)** | ***n*** | ***%*** |
| Quadros Superiores da Administração Pública,  Dirigentes e Quadros Superiores de Empresa | 8 | 3,6 |
| Especialistas das Profissões Intelectuais e  Científicas | 49 | 22,0 |
| Técnicos e Profissionais de Nível Intermédio | 44 | 19,7 |
| Pessoal Administrativo e Similares | 10 | 4,5 |
| Pessoal dos Serviços e Vendedores | 23 | 10,3 |
| Operários, Artificies e Trabalhadores Similares | 8 | 3,6 |
| Operadores de Instalações e Máquinas e Trabalhadores de Montagem | 2 | 0,9 |
| Estudantes | 61 | 27,4 |
| Desempregados | 14 | 6,3 |
| Reformados | 4 | 1,8 |
| **Total** | 223 | 100,0 |
| **Orientação Sexual** | ***n*** | ***%*** |
| Heterossexual | 214 | 96,0 |
| Homossexual | 3 | 1,3 |
| Bissexual | 5 | 2,4 |
| Pansexual | 1 | 0,4 |
| **Total** | 223 | 100,0 |

*n* = frequência; % = percentagem; *M* = Média; *DP* = Desvio-padrão; a) Classificação Nacional das Profissões

**Tabela 2**

***Caracterização sociodemográfica da amostra (continuação)***

|  |  |  |
| --- | --- | --- |
| **Estado Civil** | ***n*** | ***%*** |
| Solteiro(a) | 130 | 58,3 |
| União de Facto | 30 | 13,5 |
| Casado(a) | 43 | 19,3 |
| Viúvo(a) | 2 | 0,9 |
| Separado(a) | 2 | 0,9 |
| Divorciado(a) | 16 | 7,2 |
| **Total** | 223 | 100,0 |
| **Agregado Familiar** | ***n*** | ***%*** |
| 0 | 4 | 1,8 |
| 1 | 40 | 17,9 |
| 2 | 44 | 19,7 |
| 3 | 69 | 30,9 |
| 4 | 51 | 22,9 |
| 5 | 13 | 5,8 |
| 6 | 2 | 0,9 |
| **Total** | 223 | 100,0 |

*n* = frequência; % = percentagem; *M* = Média; *DP* = Desvio-padrão.

**Procedimentos**

Após a definição do protocolo de investigação foram enviados pedidos de autorização aos autores para a utilização dos instrumentos. Procedeu-se, de seguida, à adaptação da EIT. Após a autora da escala (Lavelle, 2013) ter facultado o instrumento, o mesmo foi traduzido para Português. Seguiu-se a sua retroversão. Quer a tradução, quer a retroversão foram realizadas por pessoas fluentes em inglês (autora e sua orientadora). Recorreu-se ao método da reflexão falada e junto de cinco jovens adultos recolheu-se *feedback* sobre o conteúdo e entendimento dos itens que compunham a ETI. Procedeu-se a alterações *minor* ao nível do conteúdo de alguns itens. Deu-se início, posteriormente, à recolha dos dados do presente estudo via online, através da plataforma Google Docs, que decorreu entre março a junho de 2016. Foram explicados os objetivos do estudo e assegurada a confidencialidade dos dados a todos os participantes. Para testar a estabilidade temporal a escala foi aplicada numa amostra de 29 adultos em dois momentos (sendo administrado novamente após 4 semanas).

**Instrumentos**

**Escala de Tolerância à Infidelidade** (*Infidelity Tolerance Scale*/ITS, Lavelle, 2013)

A ETI avalia a permanência ou saída do parceiro(a) da relação amorosa após uma traição. Possui 12 itens de auto-resposta que descrevem diferentes formas pelas quais o parceiro pode trair, numa escala de Likert entre 1 (extremamente provável deixar a relação) a 7 (extremamente provável permanecer na relação) e divididas em duas subescalas: tolerância à traição emocional e tolerância à traição sexual. A ETI demonstrou uma boa consistência interna (α = 087) (Lavelle, 2013), obtendo-se um alfa de cronbach na dimensão tolerância à infidelidade sexual de 0,78 e na tolerância à infidelidade emocional de 0,73. Neste estudo, o alfa de cronbach revelou-se bom na dimensão tolerância à infidelidade sexual (0,896) e muito bom na dimensão tolerância à infidelidade sexual (0,978) (Pestana e Gageiro, 2008).

**Escala de Autocompaixão (**SELFCS, Self-Compassion Scale, Neff, 2003a; Castilho & Pinto Gouveia, 2011b)

A SELFCS permite avaliar a compaixão. Possui 26 itens de resposta, respondidas numa escala de Likert entre 1 (quase nunca) a 5 (quase sempre) (Castilho et al., 2011b) e divide-se em 6 subescalas: calor/compreensão versus autocrítica; condição humana versus *isolamento* e *mindfulness* versus *sobreidentificação* (Castilho et al., 2011b). No estudo original revelou boa consistência interna nas subescalas: c*alor/compreensão* (*α =* 0,78), *autocrítica (a =* 0,77), *condição* *humana* (*a=0*,80), *isolamento* (*a=*0,70), *mindfulness* (*a=0*,75) e *sobreidentificação* (*a=*0,81) (Neff, 2003a). A versão portuguesa revelou uma boa consistência interna, com os seguintes valores 0,84, 0,82, 0,77, 0,75, 0,73 e 0,68 (Castilho et al., 2011b). No presente estudo obtivemos alfas de Cronbach com os seguintes valores 0,84, 0,80, 0,68, 0,78, 0,72 e 0,78 (valores razoáveis e bons, na sua maioria, de acordo com Pestana e Gageiro, 2008).

**Escala das Formas do Autocriticismo e de Autotranquilização (**FSCRS,Forms of Self-Critizing/Attacking and Self-Reassuring Scale, Gilbert, Clarke, Hempel e Irons, 2004; Castilho e Pinto Gouveia, 2011a)

A FSCRS avalia a forma como os indivíduos se autocriticam e autotranquilizam diante de situações de fracasso, falha e ineficácia pessoal (Castilho e Pinto Gouveia, 2011). Possui 22 questões respondidas numa escala de tipo Likert que variam de 0 (não sou assim) a 4 (sou extremamente assim), sendo organizada em três subescalas: *eu inadequado* (avalia os sentimentos de inadequação e inferioridade do indivíduo perante o fracasso, obstáculos e erros); *eu tranquilizador* (face a um erro adota um comportamento mais positivo e de compaixão) e o *eu detestado* (avalia um sentimento de repugnância/ódio e perseguição do próprio *eu)*. Na versão original, obtiveram-se os seguintes valores de alfa de Cronbach: 0,90, 0,86 e 0,86 respetivamente no *eu inadequado, eu detestado e eu tranquilizador* (Gilbert et al., 2004). A versão portuguesa (Castilho e Pinto Gouveia, 2011) apresenta uma consistência interna muito boa. Os valores de alfa de Cronbach foram de 0,89, 0,62 e 0,87 para as respetivas subescalas. O presente estudo apresentou valores alfa de Cronbach de 0,88, 0,75e 0,89 nas subescalas (entre razoáveis e bons).

**Análise Estatística**

Os dados foram analisados através do *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), versão 19.0. Determinámos estatísticas descritivas, medidas de tendência central, dispersão, assimetria e achatamento. Recorremos a testes *t* de Student, testes *U* de Mann-Whitney e correlações de Pearson e Spearman (os testes paramétricos e não paramétricos foram utilizados em função do número de participantes por categoria) para testar associações entre as dimensões/fatores que surgiram com a análise de componentes principais e as diferentes variáveis sociodemográficas, relacionais e relativas à traição/infidelidade.

Considerámos o nível de significância p ≤ 0,05 e de p ≤ 0,001 indicativo de diferenças significativamente estatísticas. O estudo da consistência interna foi elaborado através do alfa de Cronbach. Realizámos correlações dePearsonpara testar a estabilidade teste-reteste. Para estudar a validade de constructo realizamos as mesmas correlações para explorar associações entre as dimensões/fatores que emergiram da análise de componentes principais (tolerância à infidelidade sexual e tolerância à infidelidade emocional) com as dimensões dos instrumentos SELFCS e FSCRS, sendo usados os critérios de Cohen (1992) para classificar a magnitude das correlações.

Realizou-se uma análise de componentes principais, seguida de rotação *Varimax* para componentes com *eigenvalues* igual ou superiores a 1 (seguindo-se as indicações de Pallant, 2007), sendo usados para extrair os fatores o critério de Kaiser (Kaiser, 1970, 1974) e o *scree test* de Cattell (Catell, 1966).

**Resultados**

**Consistência interna**

A ETI revelou uma boa consistência interna nas seguintes dimensões: *tolerância à infidelidade sexual* (*a =* 0,896) e *tolerância à infidelidade emocional* (*a =* 0,878).

No nosso estudo também se verificou que a maioria dos itens revelou correlações “boas” com o total, pois todos se correlacionam acima de 0,20 com o total (quando este não continha o item), com coeficientes a variarem entre 0,564 (item 12) e 0,784 (item 3) (Pasquali, 2003), atingindo inclusivamente o critério mais exigente (superior a 0,30) (Kline, 2000).

**Tabela 3. *Correlação item-total corrigido e alfa excluindo o item***

|  |  |  |
| --- | --- | --- |
| **Escala de Tolerância à Infidelidade** | **Correlação Item-Total Corrigido** | **Alfa excluindo o item** |
| 1…confessasse ter-se envolvido sexualmente… | 0,688 | 0,923 |
| 2…admitisse ter sentimentos por um colega… | 0,646 | 0,925 |
| 3…casados e tivéssemos filhos... ter-me traído uma vez… | 0,784 | 0,919 |
| 4…admitisse ter tido um caso no início do relacionamento… | 0,724 | 0,922 |
| 5…admitisse ter beijado alguém numa ocasião… | 0,767 | 0,920 |
| 6…admitisse ter-se apaixonado por outra pessoa… | 0,708 | 0,923 |
| 7…estivesse a ter um caso… prometesse terminá-lo… | 0,694 | 0,923 |
| 8…me traísse uma vez e estivéssemos… a ter o primeiro filho… | 0,753 | 0,921 |
| 9…marido/esposa… ter sexo casual sem significado com outras pessoas… | 0,612 | 0,926 |
| 10…admitisse ter beijado outra pessoa… | 0,690 | 0,923 |
| 11…marido/esposa…apaixonado(a) por outra pessoa casada… | 0,713 | 0,922 |
| 12…admitisse que preferia estar com outra pessoa… | 0,564 | 0,928 |

**Estabilidade temporal**

Para determinar a estabilidade temporal, a ETI foi novamente administrada após 4 semanas a um grupo de adultos da amostra inicial (*n =* 29). Obteve-se uma correlação grande (Cohen, 1992) nas dimensões *tolerância à infidelidade sexual* (*r =* 0,879) e *tolerância à infidelidade emocional (r =* 0,940), e concluiu-se que dimensões se correlacionam uma com a outra (sexual com emocional) com magnitude grande, na primeira administração e no reteste.

**Tabela 4. *Correlação entre as dimensões da Escala de Intolerância à Infidelidade***

|  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- |
| **Correlações** | **Tolerância à Infidelidade Sexual RT** | **Tolerância à Infidelidade Emocional**  **1ª adm.** | **Tolerância à Infidelidade Emocional**  **RT** |
| Tolerância à Infidelidade Sexual 1ª adm. | 0,879\*\* | 0,723\*\* | 0,743\*\* |
| Tolerância à Infidelidade Sexual RT | - | 0,655\*\* | 0,734\*\* |
| Tolerância à Infidelidade Emocional 1ªadm. | - | - | 0,940\*\* |

*\**≤ *0,05; \*\*p*≤ *0,001; NS=Não significativo; 1ª adm. = 1ª administração; RT = reteste*

**Tabela 4.*****Médias e desvio padrão dos fatores Tolerância à Infidelidade Sexual e Tolerância à Infidelidade Emocional (1ª administração e reteste)***

|  |  |
| --- | --- |
|  | ***M (DP)*** |
| **Tolerância à Infidelidade Sexual (1ª Administração)** | 13,51 (7,56) |
| **Tolerância à Infidelidade Emocional (1ª Administração)** | 15,16 (7,57) |
| **Tolerância à Infidelidade Sexual (reteste)** | 16,59 (9,59) |
| **Tolerância à Infidelidade Sexual (reteste)** | 19,10 (9,42) |

*M* = Média; *DP* = Desvio-padrão.

**Análise fatorial**

De forma a perceber quais é que seria a saturação dos fatores, procedeu-se a uma análise fatorial exploratória. Ao explorar a respetiva tabela e o *screeplot* de Catell verificámos a presença de 3 fatores que, pelo respetivo conteúdo, (existindo dúvidas apenas em relação ao item 5) se tornavam dificilmente interpretáveis, de tal modo que forçámos a análise a dois fatores: tolerância à infidelidade emocional e tolerância à infidelidade sexual, que explicavam 56,4% e 9,5% da variância. No teste *Kaiser–Meker–Oklin Measure of Sampling Adequacy* (KMO) o valor encontrado foi de 0,904 (deve ser ≥ 0,6) e o valor do *Bartlett’s Test of Sphericity* atingiu significância estatística (*p* ≤ 0,001), quando deve ser ≤ 0,05 permitiram-nos verificar a adequabilidade dos dados para realização desta análise.

**Tabela 5. *Saturações dos itens da Escala de Intolerância à Infidelidade por Fator.***

|  |  |  |
| --- | --- | --- |
|  | **Fator 1**  **Tolerância à Infidelidade Sexual** | **Fator 2**  **Tolerância à Infidelidade Emocional** |
| Item 1 | 0,807 | 0,196 |
| Item 2 | 0,292 | 0,749 |
| Item 3 | 0,782 | 0,353 |
| Item 4 | 0,812 | 0,235 |
| Item 5 | 0,732 | 0,389 |
| Item 6 | 0,323 | 0,796 |
| Item 7 | 0,711 | 0,321 |
| Item 8 | 0,774 | 0,328 |
| Item 9 | 0,580 | 0,363 |
| Item 10 | 0,504 | 0,557 |
| Item 11 | 0,264 | 0,876 |
| Item 12 | 0,260 | 0,674 |

**Diferenças de sexo nas diferentes dimensões da SELFCS, FSCRS e ETI e associações entre as dimensões da ETI e as dimensões da SELFCS e da FSCRS**

Com o objetivo de avaliar as diferenças entre sexo, recorreu-se a testes t de Student. Os resultados mostraram não existir diferenças estatisticamente significativas por sexo nas variáveis da SELFCS (*calor/compreensão* e *condição humana)*, FSCRS (*eu tranquilizador*) e *tolerância à infidelidade sexual* e *tolerância à infidelidade emocional.* As mulheres apresentaram níveis mais elevados nas dimensões *eu inadequado*, *eu detestado* e *autocriticismo*. Pelo contrário, os homens apresentaram níveis mais elevados de *autocrític*a *mindfulness*, *sobreidentificação* e *isolamento* (Tabela 6).

Realizamos correlações de Pearson entre a *tolerância* à *infidelidade* e as dimensões da SELFCS (c*alor/compreensão*; *condição humana*) e da FSCRS (*eu tranquilizador*), visto também não terem evidenciado diferenças por sexo.

**Tabela 6. Testes t de Student: *diferenças nas variáveis centrais do estudo por sexo.***

|  |  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- | --- |
| Variável | *M (DP)* | | *t* | *p* |
| SELFCS | Homens | Mulheres |  |  |
| Calor/Compreensão | 3,02 (0,70) | 2,95 (0,81) | -0,590 | NS |
| Autocrítica | 3,56 (0,72) | 3,19 (0,73) | -3,534 | ≤0,001 |
| Condição Humana | 3,22 (0,66) | 3,08 (0,75) | -1,404 | NS |
| Mindfulness | 3,47 (0,71) | 3,09 (0,81) | -3,390 | ≤0,001 |
| Sobreidentificação | 3,51 (0,72) | 3,03 (0,75) | -4,460 | ≤0,001 |
| Isolamento | 3,47 (0,86) | 3,15 (0,84) | -2,674 | 0,008 |
| SELFCS Total | 3,37 (0,51) | 3,08 (0,61) | -3,450 | ≤0,001 |
| Eu Inadequado | 11,04 (6,81) | 14,96 (7,38) | 3,733 | ≤0,001 |
| Eu Detestado | 1,87 (2,96) | 2,80 (3,23) | 2,032 | 0,043 |
| Eu Tranquilizador | 12,44 (6,34) | 17,81 (6,65) | -1,706 | NS |
| Autocriticismo total | 12,91 (8,24) | 17,76 (9,79) | 3,495 | ≤0,001 |
| Tolerância à infidelidade sexual | 13,66 (8,91) | 13,45 (6,92) | -0,178 | NS |
| Tolerância à infidelidade emocional | 15,62 (8,47) | 14,95 (7,16) | -0,563 | NS |

*n* = frequência; % = percentagem; *M* = Média; *DP* = Desvio-padrão; *t* = teste t de Student; *p* = nível de significância

**Validade de Constructo**

Fomos explorar diferenças e associações em termos de *tolerância à infidelidade* (sexual e emocional) tendo em conta e com diferentes variáveis sociodemográficas, relacionais e relativas à infidelidade (através de correlações de Pearson e Spearman, testes *t* de Student e *U* de Mann-Whitney). Apenas se encontraram diferenças por estado civil e pela variável *“foi difícil perdoar*”. Verificou-se que os participantes casados ou em união de facto apresentaram maior *tolerância à infidelidade sexual,* comparativamente com os solteiros, viúvos, separados e divorciados. Verificou-se, também, que quem revelou dificuldade em perdoar apresentou menor *tolerância à infidelidade sexual* do que quem não revelou dificuldade em perdoar.

**Discussão/Conclusão**

O presente estudo teve como objetivos adaptar e validar a Escala de Tolerância à Infidelidade e explorar associações entre a tolerância à infidelidade, variáveis sociodemográficas, relacionais e relativas à infidelidade e o autocriticismo e a autocompaixão.

Em relação às questões colocadas sobre a traição, o motivo mais referido para trair pelos participantes foi a saturação com a sua relação. Estes resultados vão ao encontro dos de diversos estudos (Mark, Janseen e Milhausen, 2009; Martins, 2012), que também apontaram como motivo principal do envolvimento extraconjugal a saturação com a relação. Da mesma forma, vários estudos (Atkins, Baucom e Jacobson, 2001; Buss e Shackerford, 1997; Drigotas, Saftstrom e Gentilia, 1999; Shackerford, Besser e Goetz, 2008) evidenciaram associações entre a insatisfação no relacionamento e o envolvimento extraconjugal. Deste modo, quanto maior a insatisfação na relação, maior parece ser a predisposição para a infidelidade (emocional e sexual). Em relação ao arrependimento, verificamos que a maioria dos participantes (*n* = 18; 36,7%) que traíram revelaram ter sentido arrependimento. Numa amostra de 159 participantes do sexo masculino 239 do sexo feminino, a maioria dos participantes também revelou ter-se arrependido da traição, não havendo diferenças por sexo a este nível (Galperin et al., 2013). Em relação à traição cometida pelo companheiro(a), 40,4% dos nossos inquiridos revelaram ter conhecimento do ocorrido. Flanignan (2007) reportou que no seu estudo apenas 6,9% souberam ser traídos (com idades entre os 15 e os 22 anos), em relações de curta duração. Relativamente aos motivos que levaram os nossos participantes a perdoar a traição, a maioria da nossa amostra revelou que perdoou o seu companheiro(a) por amor e por dependência emocional. Este último resultado vai ao encontro de estudos (Flanignan, 2007; Borsntein, 2006) que salientam também níveis maiores de dependência emocional como uma das variáveis que influencia a tolerância à infidelidade. Hipotetizamos que o medo de o indivíduo não voltar a ser amado e de não conseguir cuidar de si mesmo, possa influenciar a decisão de tolerar a infidelidade.

A ETI revelou, ainda, uma boa consistência interna em ambas as dimensões (a = 0,896 e a = 0,878). Estes dados estão em consonância com os resultados do estudo original (Lavelle, 2013). Em relação à estabilidade temporal, os valores obtidos para a tolerância à infidelidade sexual e tolerância à infidelidade emocional foram considerados bom e muito bom. O estudo da dimensionalidade da escola apontou para dois fatores (tolerância à infidelidade sexual e tolerância à infidelidade emocional), que explicaram 56,4% e 9,5% da variância, respetivamente, depois de não ser entendível e de ter sido explorada a versão original.

De referir que no nosso estudo se verificou a ausência de diferenças estatisticamente significativas por sexo na tolerância à infidelidade (que pode ter sido condicionada pelo número reduzido de elementos do sexo masculino na nossa amostra). Os nossos resultados contrariam a ideia da tolerância à infidelidade à luz da teoria evolucionária (Buss, 1999). Lavelle (2013) mostrou que a tolerância emocional foi menor nas mulheres, ao passo que nos homens a tolerância à infidelidade sexual foi menor, numa situação de traição. Por oposição. Sabini e Green (2004) também não identificaram diferenças entre sexos no que toca à tolerância à infidelidade, apesar de mencionar ser mais provável, ambos saírem da relação no caso de uma infidelidade emocional. Outros estudos (Harris, 2003; Lishner, Nguyer, Stocks e Zilmer, 2008; Carpenter, 2012; Urooj, Haque e Anjum, 2015) encontraram resultados semelhantes, contrariando a teoria evolucionária. Pensamos ser possível hipotetizar que nem todos os participantes possam ter respondido honestamente à ETI, o que pode ter condicionado a ausência de diferenças estatisticamente significativas.

Em relação às dimensões *calor/compreensão (SELFCS)*, *condição humana* (SELFCS) e eu *autotranquilizador (FSCRS)* verificámos não existir diferenças por sexo. Castilho e Pinto e Gouveia (2011a) também referem não existir diferenças por sexo no *eu tranquilizador*. No entanto, Neff (2003a) salientou diferenças por sexo na *condição humana* (mais elevada nas mulheres) e *calor/compreensão* (mais elevado nos homens). Na nossa amostra também se verificou que as mulheres obtiveram pontuações mais elevadas no *eu inadequado*, *eu detestado* e *autocriticismo total*, enquanto que os homens obtiveram pontuações mais elevadas na *autocrítica,* *mindfulness,* *sobreidentificação* e *isolamento*. Os nossos resultados vão ao encontro do estudo de Buscher (2012) que concluiu que os homens obtiveram pontuações mais elevadas nas dimensões *autocrítica,* *sobreidentificação* e *isolamento*, com exceção da dimensão *autocrítica* (na qual as mulheres obtiveram pontuações mais elevadas), em comparação com as mulheres. Castilho e Pinto e Gouveia (2011a) salientaram que as mulheres tinham valores mais elevados na dimensão *eu inadequado*, não encontrando diferenças entre sexos nas dimensões *eu detestado*. Nas nossas análises, as mulheres apresentam pontuações na escala da SELFCS total inferiores, em relação aos homens. Por sua vez, Neff (2003a) e Yarnell e colaboradores (2015) mostraram que as mulheres apresentam menores níveis de autocompaixão.

Verificaram-se correlações estatisticamente negativas entre as dimensões da tolerância à infidelidade e as dimensões de autocriticismo e a autocompaixão. Seria expectável que níveis mais baixos de tolerância à infidelidade se associassem a níveis mais elevados de autocriticismo e menores de autocompaixão, tendo em conta que menores níveis de autocompaixão dificultam a capacidade do próprio tolerar as suas falhas e erros, bem como as falhas e erros dos outros (Zuroff, Moskowitz e Côté, 1999; Neff, 2003b; Thompson e Zuroff, 2004). Hipotetiza-se que a falta de honestidade nas respostas, bem como as escalas da SELFCS e FCSRS podem falhar ao avaliar a influência do heterocriticismo e da compaixão na relação com o outro. Por outro lado, podem haver outras variáveis determinantes para a tolerância à infidelidade, especificamente as variáveis situacionais, os traços de personalidade (Blow e Harnnett, 2005; Lavelle, 2013), os estilos de vinculação, a satisfação no relacionamento (Cann e Baucom, 2004), dependência económica e emocional (Borsntein, 2006), assim como a paixão, as recompensas emocionais e os conflitos (Flanignan, 2007).

Em relação às associações entre diferentes variáveis sociodemográficas, relacionais e relativas à infidelidade e a tolerância à infidelidade, verificámos que os indivíduos casados ou a coabitarem apresentaram maior tolerância à infidelidade sexual. Lavelle (2013), também concluiu que os homens casados têm maior probabilidade de tolerar os dois tipos de infidelidade (emocional e sexual), em comparação com as mulheres. No nosso estudo, dado não termos encontrados diferenças por sexo na tolerância à infidelidade, exploramos esta associação na amostra total, constatando que estar casado ou viver em união de facto parece conduzir a uma maior tendência para tolerar a infidelidade em ambos os sexos. Estes resultados parecem estar relacionados com os altos níveis de compromisso e investimento emocional (Lavelle, 2013), bem como com a eventual dependência financeira e emocional que os indivíduos casados parecem exibir, em comparação com os indivíduos solteiros, e que os pode conduzir a, mais facilmente, tolerar a infidelidade (não podendo ser esquecida a eventualidade da presença de filhos poder estar associada, também, a esta maior tolerância face à traição). Viegas e Moreira (2013) relatam que os indivíduos solteiros (que nunca namoraram ou nunca estiveram numa relação), revelaram tolerar mais a traição. Este estudo contraria os resultados encontrados. Pensamos que este cenário é viável, dado que os indivíduos casados ou a coabitarem poderiam percecionar negativamente a traição, já que o casamento implica um grau de compromisso, tornando assim, a infidelidade menos suportável. No que diz respeito à dificuldade em perdoar, verificou-se que quem teve maior facilidade em perdoar (*n =* 27; 75,0%) apresentou maior tolerância à infidelidade sexual. Estes resultados são convergentes com o estudo de Shackelford, Buss e Bennet (2002) que mostrou que, em ambos os sexos, uma menor facilidade em perdoar (embora a prevalência tenha sido mais elevada nos homens), levaria a uma maior probabilidade de sair da relação tendo havido uma traição sexual.

Importa referir o quanto nos pareceu estranha a ausência de associações entre a tolerância à infidelidade e outras variáveis relacionais e relativas à traição. Ao contrário do que Lavelle (2013) referiu, que o facto de o indivíduo já ter sido traído ou ter traído influencia a probabilidade de a infidelidade ser tolerada, não verificamos isso na nossa amostra. Adicionalmente, o nosso estudo não revelou associação entre a satisfação na relação e a tolerância à infidelidade. Tal faria sentido porque o indivíduo que trai o parceiro da relação primária pode querer colmatar as carências afetivas e satisfazer as necessidades emocionais em falta na relação primária (Lewandowsky e Ackerman, 2006). Shackerford e Buss (1992) reportou que os homens insatisfeitos tinham menos tendência a tolerar a infidelidade sexual e que as mulheres, neste caso, tinham níveis mais baixos de tolerância à infidelidade emocional.).

No seu conjunto, a ETI revela boas propriedades psicométricas e uma boa estabilidade temporal, pelo que pode ser utilizada em estudos, no futuro, que pretendam aumentar o conhecimento no âmbito da infidelidade e da tolerância à infidelidade. Deste modo, sendo escassos os instrumentos em Portugal, espera-se que a sua utilização permita conhecer e compreender melhor a tolerância à infidelidade e explorar os fatores a ela associados.

Quanto às limitações deste estudo, há que referir um número maior de participantes do sexo feminino e o facto de a nossa amostra não ser totalmente representativa da população portuguesa. Tal diminui a validade externa do estudo e condiciona a generalização dos resultados. Tratando-se de um estudo transversal, tal impede o estabelecimento de causalidade entre as variáveis. Muitas outras variáveis poderiam ter sido exploradas, em termos de associação com a tolerância à infidelidade. Apesar das limitações, este é o primeiro estudo de que temos conhecimento no nosso país que para além de ter oferecido um contributo para a adaptação e validação preliminar da ETI, permitiu explorar associações entre a tolerância à infidelidade e variáveis sociodemográficas, relacionais e relativas à infidelidade/traição.

**Referências**

Atkins, D. C., Baucom, D. H., e Jacobson, N. S. (2001). Understanding Infidelity: correlates in a national random sample. *Journal of Family Psychology, 15*(4), 735-749.

Allen, E.S., e Baucom, D.H. (2006). Dating, marital and hypothetical extradyadic envolvements: How do they compare. *The Journal of Sex Research, 43*(4), 307-317.

Almeida, L. S. e Freire, T. (2008). *Metodologia da investigação em psicologia e educação* (4ª ed.). Braga: Psiquilíbrios Edições.

Amato, P.R., e Previti, D. (2003). People's reasons for divorcing. *Journal of Family Issues, 24*,(5),602-626.

Baskin, T. W., e Enright, R. D. (2004). Intervention studies on forgiveness: A meta-analysis. *Journal of Counseling and Development, 82,* 79-80.

Blow, A.J., e Hartnett, K. (2005). Infidelity in committed relationships II: a substantive review. *Journal of Marital and Family Therapy, 31*(2), 217-233.

Bornstein, R.F. (2006). The complex relationship between dependency and domestic violence: Converging psychological factors and social forces. *American Psychologist, 61*, 595-606.

Buscher, T. (2012). Memórias emocionais, Autocriticismo e Alexitimia: que contributo para a Psicopatologia. Dissertação de mestrado não publicada, Universidade de Coimbra, Faculdade de Psicologia e de Ciências de Educação, Coimbra.

Buss, D. M. (1995). Psychological sex differences: Origins through sexual selection. *American Psychologist, 50*(3),164-168.

Buss, D. M., e Shackelford, T.D. (1997). Susceptibility to Infidelity in the first year of marriage. *Journal of Research in Personality, 31*, 193-221.

Buss, D.M., Shackelford, T.K., Kirkpatrick, L.A., Choe, J.C., Lim, H.K., Hasegawa, M., … Bennett, K. (1999). Jealousy and the nature of beliefs about infidelity: Tests of competing hypotheses about sex differences in the United States, Korea, and Japan. *Personal Relationships, 6*(1),125-150.

Cann, A., e Bacuom, T. B. (2004). Former partners and new rivals as threats to a relationship: Infidelity type, gender and commitment as factors related to distress and forgiveness. *Personal Relationships, 11*, 305-318.

Carpenter, C.J. (2012). Meta-analyses of sex differences in responses to sexual versus emotional infidelity: Men and women are more similar than different. *Psychology of Women Quarterly, 36*(1), 25-37.

Castilho, P. (2011). *Modelos de relação interna: Autocriticismo e Autocompaixão. Uma abordagem evolucionária compreensiva da sua natureza, função e relação com a psicopatologia*. Dissertação de doutoramento, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Coimbra.

Castilho, P., Gouveia, J.P., e Amaral, V. (2010). Recordação das experiências de ameaça e subordina­ção na infância e psicopatologia: o efeito mediador do auto-criticismo, *Psychologica, 52*(2), 475-498.

Castilho, P. e Pinto Gouveia, J. (2011a). Autocriticismo: Estudo de validação da versão portuguesa da escala das formas do autocriticismo e autotraquilização (FSCRS) e da escala das funções do autocriticismo e autoataque (FSCS). *Psychologica*, *54*, 63-86.

Castilho, P. e Pinto Gouveia, J. (2011b). Autocompaixão: Estudo da validação da versão portuguesa da escala da autocompaixão e da sua relação com as experiencias adversas na infância, a comparação social e a psicopatologia. *Psychologica*, *54,* 203-230.

Catell, R.B. (1966). The scree test for number of factors. *Multivariate Behavioral* *Research,* 1*,* 245-276.

Cohen, J. (1992). A power prime. *Psychological Bulletin, 112*(1), 155-159. Obtido em <http://drsmorey.org/bibtex/upload/Cohen:1992.pdf>.

Drigotas, S.M, e Barta, W. (2001). The cheating heart: Scientific explorations of infidelity. *Current Directions in Psychological Science, 10*(5), 177-180.

Drigotas, S.M., Safstrom, C.A., e Gentilia, T. (1999). An investment model prediction of dating infidelity. *Journal of Personality and Social Psychology, 77*, 509-524.

Flanigan, C. M. (2007). *Staying with a partner who cheats: The influence of gender and relationship Dynamics on adolescents´ Tolerance of Infidelity.* Dissertação de mestrado, Universidade Bowling Green State, Estados Unidos.

Fife, S.T., Weeks, G.R., e Stellberg-Filbert, J. (2013). Facilitating forgiveness in the treatment of Infidelity: an interpersonal model. *Journal of Family Therapy, 35*, 343-367.

Galperin, A., Haselton, M.G., Frederick, D.A., Poore, J., Hippel, W.V., Buss, D.M., e Gonzaga, G. C. (2013). Sexual Regret: Evidence for Evolved Sex Differences. *Archives of Sexual Behaviour, 42*(7), 1145-1161.

Gilbert, P. (2005). Compassion and cruelty: A biopsychosocial approach. In P. Gilbert (Ed.), *Compassion: Conceptualisations, research and use in psychotherapy* (pp. 9-74). London: Routledge.

Gilbert, P., Clarke, M., Hempel, S., Miles, J., e Irons, C. (2004). Criticizing and reassuring oneself: An exploration of forms, styles and reasons in female students. *The British Jounal of Clinical Psychology*, *43*(1), 31-50.

Glass, S.P., e Wright, T.L. (1992). Justifications for extramarital relationships: The association between attitudes, behaviors, and gender. *Journal of Sex Research, 29*, 361-388.

Hall, J.H., e Fincham, F.D. (2006). Relationship dissolution following Infidelity: the roles of attributions and forgiveness. *Journal of Social and Clinical Psychology, 25*(5), 508-522.

Harris, C.R. (2003). Factors associated with jealousy over real and imagined infidelity: An examination of the social-cognitive and evolutionary psychology perspectives. *Psychology of Women Quarterly, 27,* 319-329.

Kaiser, H. (1970). A second generation: Little Jiffy. *Psychometrika*, *35*, 401-415.

Kaiser, H. (1974). An index of factorial simplicity. *Psychometrika*, *39*, 31-3

Kerlinger, F. N. (1986). *Foundations of behavioral research* (3rd ed.). New York: Holt, Rinehard and Winston.

Lishner, D.A., Nguyen, S., Stocks, E.L., e Zillmer, E. J. (2008). Are sexual and emotional infidelity equally upsetting to men and women? Making sense of forced-choice responses. *Evolutionary Psychology, 6*(4), 667-675.

Luo, S., Cartun, M.A., e Snider, A. G. (2010). Assessing extradyadic behaviour: A review, a new measure, and two new models. *Personality and Individual Differences, 49,* 155-163.

Martins, A.F.R.S. (2012). *Comportamentos extra-diádicos offline e online nas relações de namoro: Diferenças de género nos motivos, prevalência e correlatos.* Dissertação de mestrado não publicada, Universidade de Coimbra, Coimbra.

Martins, A., Pereira, M., Andrade, R., Dattilio, F.M., Narciso, I., Canavarro, M.C. (2015). Infidelity in dating relationships: Gender-specific correlates of face-to-face and online extradyadic involvement. *Archives of Sexual Behavior, 45*(1), 193-205. doi: 10.1007/s10508-015-0576-3.

Mark, K.P., Janssen, E., e Milhausen, R.R. (2009). Infidelity in heterossexual couples: demographic, interpersonal, and personality-related predictors of extradyadic sex. *Archives of sexual behavior, 40*(5), 971-982.

Lavelle, S. (2013). Tolerance for Infidelity: Exploring the factors that determine a person´s likehood of staying in a relationship where infidelity has occurred. Dissertação de doutoramento, Universidade de Adelphy, Estados Unidos da América.

Lewandowsky, G.W., e Ackerman, R.A. (2006). Something’s Missing: Need fulfillment and self expansion as predictors of susceptibility to infidelity. *The Journal of Social Psychology, 146(*4), 389-403.

Neff, K.D. (2003a). Development and validation of a scale to measure self-compassion. *Self and Identity, 2*, 223-250.

Neff, K.D. (2003b). Self-compassion: An alternative conceptualization of a healthy attitude toward oneself. *Self and Identity, 2*, 85-102.

Neff, K.D., e Pommier, E. (2013). The relationship between self-compassion and other-focused concern among college undergraduates, community adults, and pacticing meditators. *Self and Identity, 12*(2), 160–176.

<http://doi.org/10.1080/15298868.2011.649546>

Pais-Ribeiro, J.L. (2010). *Metodologia de investigação em psicologia e saúde* (3.ª ed.). Porto: Legis Editora.

Pallant, J. (2007). *SPSS: Survival manual* (3rd ed.). New York: Open University Press.

Pasquali, L. (2003). *Psicometria – Teoria dos Testes na Psicologia e Educação*. Petrópolis: Editora Vozes.

Pestana, M. H. e Gageiro, J. N. (2008). *Análise de dados para ciências sociais: a complementaridade do SPSS* (5ªed.). Lisboa: Edições Sílabo.

Sabini J. e Green, M.C. (2004). Emotional responses to sexual and emotional infidelity: constants and diferences across genders, samples, and methods. *Society for Personality and Social Psychology, 30*(11), 1375-1388. doi: [10.1177/0146167204264012](https://dx.doi.org/10.1177/0146167204264012).

Sagarin, B.D., Becker, D.V., Gaudagno, R.E., Nicastle, L.D., e Millevoi, A. (2003). Sex differences and similarities in jealousy: The moderating influence of infidelity experience and sexual orientation of the infidelity. *Evolution and Human Behaviour, 24,* 17-23.

Shackelford, T.K., e Buss, D.M. (1997). Antecipation of marital dissolution as a consequence of spousal Infidelity. *Journal of Social and Personal Relationships, 14*(6), 793-808.

Shackelford, T.K. (1997). Divorce as a consequence of spousal infidelity. *Journal of Social and Personal Relationships****,*** *14(*6), 793-80.

Shackelford, T.K., Buss, D.M., e Bennett, K. (2002). Forgiveness or breakup: Sex differences in responses to a partner’s infidelity. *Cognition and Emotion, 16*(2), 299-307.

Shackelford, T.K, Besser, A. e Goetz, A.T. (2008). Personality, marital satisfaction and probability of marital Infidelity. *Individual Differences Research, 6*(1), 13-25.

Thompson, R., e Zuroff, D.C. (2004). The levels of self-criticism scale: comparative self-criticism and internalized self-criticism. *Personality and Individual Differences, 36*, 419-430.

Treas, J., e Giesen, D. (2000). Sexual Infidelity among married and cohabiting americans. *Journal of Marriage and The Family, 62,* 48-60.

Urooj, A., Haque, A., e Anjum, G. (2015). Perception of emotional and sexual infidelity among married men and women. *Pakistan Journal of Psychological Research, 30*(2), 421-439.

Viegas, T., e Moreira, J.M. (2013). Julgamentos de infidelidade: Um estudo exploratório dos seus determinantes. *Estudos de Psicologia, 18*(3), 411-418.

Yarnell, L.M., Stafford, R.E., Neff, K.D., Reilly, E.D., Knox, M.C., e Mullarkey, M. (2015). Meta-analysis of gender differences in self-compassion*.* *Self and Identity*, *14*(5), 499-520. DOI: [10.1080/15298868.2015.1029966](http://dx.doi.org/10.1080/15298868.2015.1029966).

Zuroff, D. C., Moskowitz, D. S., & Côté, S. (1999). Dependency, self-criticism, interpersonal

behavior and affect: Evolutionary perspectives. *British of Clinical Psychology, 38*, 231-250. doi: 10.1348/014466599162827.